

## OPINIÃO

### Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

01-07-2024

## Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

# Eloá

Dona Eloá era a velhinha simpática da vizinhança, avó de uma de minhas amigas de infância, ela praticamente fazia parte da turma dos amigos do Ipiranga, gostava muito de cozinhar e se sentia realizada quando nós elogiávamos seus quitutes. Em mil novecentos e oitenta e tal ela já havia superado oito décadas de vida e, embora tivesse dificuldade de locomoção, não se furtava em colaborar na cozinha quando a festa era na casa de um de seus filhos. Aquela festa foi diferente das outras, não pela animação que sempre esteve presente nos eventos daquele antigo sobrado no bairro do Ipiranga, menos ainda pelo comparecimento maciço de parentes e amigos, a família da amiga Regina era muito animada e gostava de promover eventos festivos, nem que para isso tivesse que inventar um motivo. Naquela noite o álibi não foi necessário, era aniversário de Roberto, irmão mais velho de minha amiga que, “por tabelinha”, era meu amigo também. A família morava em uma casa bem confortável que tinha uma sala imensa com três ambientes, duas salas de estar, sendo uma delas mais reservada, além da sala de jantar grande o suficiente para acomodar uma mesa de oito lugares. Geralmente nas festas esta mesa era arrastada para ficar junto a uma das paredes e sobre ela acomodavam-se as travessas com os pratos e as guarnições dos “banquetes”. Entre as iguarias era regra que pelo menos uma das receitas da dona Eloá estivesse presente. Também havia muitos antepastos e jamais faltou bebida, a preferida do Arnaldão (como era chamado na turma o pai anfitrião) era vinho Calamares, sempre cuidadosamente acondicionado em um balde de gelo e repostos à vontade. Mas também havia uísque e outros destilados para os mais ousados etilicamente. .... Minha mãe desde cedo me obrigou a respeitar as pessoas mais velhas, por isso, e também por admirar as pessoas idosas que se recusam a aceitar a “cadeira de balanço da vovó”, ficando à margem dos acontecimentos, eu sempre investia algum tempo das festas na conversa com pessoas que, como dona Eloá, faziam questão de participar de tudo. As histórias de vida sempre me encantaram e, ouvir da boca de pessoas que presenciaram o trabalho dos acendedores de lampião, tinham andado de bonde, e se lembravam do dia da “falsa revolução constitucionalista de 1932” era, para mim, fascinante. .... Naquela noite, no entanto a história que saiu da boca dela deixou a minha boca literalmente aberta. De repente ela estava falando de seus seis filhos, de como ela estava feliz pela vida que todos, estavam levando, os dois homens com diplomas universitários e as quatro mulheres “bem casadas”, de como ela, apesar de ter enviuvado ainda jovem, conseguiu manter a família coesa, sempre fazendo questão de ressaltar que a ajuda dos três mais velhos foi fundamental etc.

Foi aí que, mesmo que eu não tivesse feito nenhum questionamento ela resolveu falar sobre o hiato que havia entre os nascimentos dos três primeiros filhos e dos três últimos. *Sabe, meu filho, depois que nasceu a Norma (sua terceira filha), eu resolvi que não teria mais filhos, a vida estava difícil e meu marido, trabalhando como alfaiate, não tinha uma renda regular, um salário e, embora nunca tenha faltado comida em casa, eu percebi que a coisa estava ficando difícil, e que poderia piorar ainda mais se o número de crianças aumentasse. Então, quando percebi que estava grávida novamente, procurei ajuda da abortadeira.* A princípio eu não entendi direito a última frase pronunciada por ela, eu nunca tinha ouvido a palavra abortadeira que, para mim, soou como “botadeira ou batedeira” e, por alguns segundos, fiquei tentando elaborar o sentido do que dona Eloá havia dito. Enquanto isso ela continuou falando, tinha uma aqui no Ipiranga que fazia essas coisas, todo mundo sabia quem era, onde ela morava e ninguém falava nada. *Ainda fui na abortadeira mais duas vezes, não queria mais filho mesmo.* À medida que ela falava eu fui compreendendo a mensagem, dona Eloá havia, na década de 1920, abortado três vezes e tinha recorrido a este procedimento como método contraceptivo, ela simplesmente não queria ter mais filhos. Obviamente fiquei muito surpreso e tentei demonstrar naturalidade, falar sobre aborto ainda hoje (2024) é complicado e, em muitos ambientes, proibido. Gostemos ou não o assunto é um tabu. E não é que, naquele ambiente festivo, com a maior naturalidade do mundo uma velhinha de oitenta anos falava sobre isso com a maior naturalidade? Dando sequência à conversa ela disse que, ao engravidar pela sétima vez, de início não se deu conta de seu estado. *Só percebi porque a barriga cresceu demais, então veio o Cláudio, e depois as outras duas...* seguiu falando com toda a tranquilidade... *além disso os três primeiros já estavam maiores e me ajudavam em casa.* Não percebi no relato dela nenhum grau de arrependimento ou sentimento de culpa. ....

Encerrando este pequeno ciclo de três textos sobre o mesmo tema, reflito sobre cada caso relatado e, fica impossível para mim, pensar sobre a palavra evolução. Entre o caso da dona Eloá e os das minhas amigas contemporâneas, pelo menos cinquenta anos se passaram, no entanto, a forma como a velhinha lidou com a situação me pareceu bem mais tranquila. Por que, então, cinquenta anos depois as situações foram mais traumáticas? Eu não tenho respostas para isso e, como venho dizendo nos outros textos, precisamos nos questionar e parar de fugir desse debate. Falar sobre aborto talvez seja incômodo, mas não falar é varrer o assunto pra debaixo do tapete.



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.